

A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE CAMPO POR MEIO DO CINEMA

José Leite dos Santos Neto¹

Resumo

Considera-se a ideologia um elemento de grande poder na sociedade, principalmente quando vinculada aos meios de comunicação. Este artigo é parte da pesquisa de conclusão de curso, intitulada “Discursos Cinematográficos sobre o Homem do Campo: Alguns Olhares Vindos do Cinema” e objetivo principal deste trabalho é compreender a ideologia inerente ao conceito de campo/camponês propagado pela mídia, tomando como base o filme “Tapete Vermelho”. A pesquisa buscou fundamentação teórica em diversos autores relacionados principalmente aos temas de cinema, campo, linguagem e ideologia. Partiu-se do pressuposto de que havia certa carência de registros relacionados à construção do discurso sobre o campo na visão midiática. A metodologia utilizada incluiu pesquisa bibliográfica e descrição plástica fílmica. Espera-se com este artigo contribuir com a ampliação do debate e reflexão do referido conceito divulgado midiaticamente para a população.

Palavras -chave: Campo. Cinema. Mídia. Ideologia. Linguagem.

Abstract

Ideology is an element of great power in society, especially when linked to the media. This article is part of a completion of course work research entitled “Cinematographic Discourses on Rural People: Some Perspectives from the Movies”. This paper’s main objective is to understand the inherent ideology in the concept of rural/farmer propagated by the media, based on the movie "Red Carpet". The theoretical research has been conducted from various authors mainly related to movie themes, country, language and ideology. We started from the assumption that there was a certain lack of records related to the construction of the discourse about rural areas and rural people in the media. The methodology included bibliographic research and movie analysis. We hope that this article contributes to the debate about the perspective disclosed by the media to the public that concerns the concept of rural areas, farmers, rural workers.

Key words: Rural. Cinema. Media. Ideology. Language.

A construção do conceito de campo por meio do cinema

A visão mais difundida de campo do pequeno agricultor há muitos anos vem sendo construído como um lugar ruim, sem possibilidades, sinônimo de “atraso”. Contudo, é importante conhecer alguns elementos que contribuem para este paradigma, principalmente a ideologia presente nos filmes, que ajuda a reforçar o pensamento do campo como um lugar sem possibilidades.

Quando nos referimos ao “campo”, devemos identificar de que tipo de campo estamos falando. Campo pode ser considerado toda extensão territorial em que não há urbanização e neste espaço territorial são encontradas grandes fazendas, sítios, assentamentos, cultivo de monoculturas entre outros. Whitaker (2009) nos apresenta dois tipos de campo/rural que vão nortear este trabalho: aquele do pequeno produtor de alimentos, que nele reside, e aquele que dá continuidade histórica ao atraso da monocultura e do latifúndio (2009, p.34).

No Brasil não é possível afirmar a existência de uma única cultura camponesa, devido à heterogeneidade do campo: crenças, origens, espaços geográficos, informações transmitidas

¹Mestrando em Educação – PPGE UFSCar. Bolsista CAPES/REUNI. Contato: netto.21@ig.com.br

principalmente por meios de comunicação. Cada grupo social tem seu modo de viver, logo tem uma cultura; tais elementos contribuem para a formação do sujeito, pois o mesmo se dá na interação com o outro (BAKHTIN 1997).

Em *Tapete Vermelho*, no diálogo entre o personagem Quinzinho e o dono do “Armazém Mazzaropi”, podemos perceber de forma bastante sutil certo descaso e indiferença com relação à cultura camponesa. Quinzinho está em busca de informações sobre algum cinema que esteja passando a película de Mazzaropi, e pergunta: “O que passa lá então?” O dono do armazém responde: “Vai passar filme que todo mundo quer ver. E cá pra nós, quem gosta de filme do Mazzaropi?” Neste contexto do diálogo o autor diz que não existe um interesse pela cultura camponesa no âmbito do cinema. Na mesma cena o dono do Armazém, em tom de riso e deboche diz: “Esse é o mais legítimo Jacu do mato que nós vê por aqui”. O que evidencia uma maneira pejorativa de se referir ao campo/camponês.

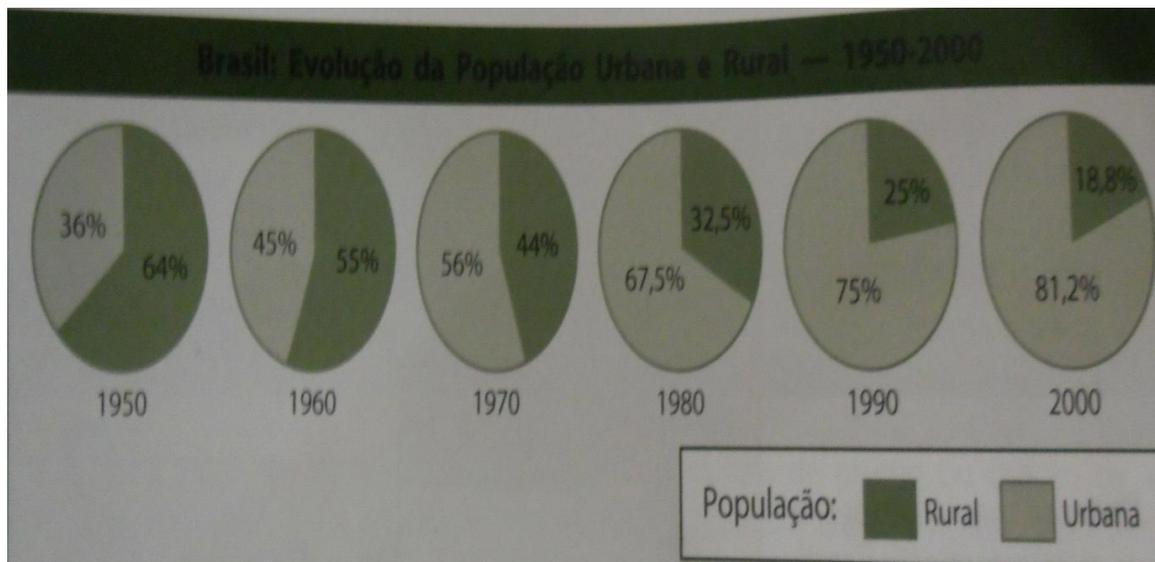
Quando falamos em campo e camponês, referimo-nos a um ambiente de trabalhadores. Estes que, de forma indireta e até mesmo direta, recebem o preconceito e discriminação vindos das mídias. Ecléia Bosi (1983), quando discute sobre desenraizamento, menciona um trecho de uma entrevista que mostra de forma sucinta o camponês que a mídia desmerece como podemos observar:

[...] acho que o pessoal que veio da roça devia poder voltar para o seu lugar. Uma coisa ninguém sabe é que a gente da roça quando chega aqui tem um medo maior que todos: o medo de passar fome. Sim, porque acostumado a plantar para comer, não vendo nem um pedaço de chão, sem terra nenhuma, a gente se preocupa: como vou comer? (BOSI, 1983, p. 20)

Como podemos observar por este trecho de depoimento, a cultura camponesa está enraizada no sujeito que tem o ambiente do campo como um lugar que gera o sustento, um lugar possível de sobrevivência através do trabalho. O filme *Tapete Vermelho* aborda esta questão, trazendo vários momentos que evidenciam este fato: nas cenas iniciais, no momento em que Quinzinho está chegando da roça; quando está com Neco pescando e através de diálogos, principalmente quando diz ao vendedor de eletrodomésticos que “tenho minha terrinha, tenho meu inhame, não é batata não, trabalho pra mim, não sou empregado!” Esta questão também está presente em um diálogo entre Quinzinho e Mané Charreteiro. Este último está falando no contexto do processo de reforma agrária:

Tô indo atrás da minha muié e dos meus filho que estão lá praqueles lados, num acampamento. Óia, os companheiro acharam uma fazenda que não tem mais tamanho, terra vazia, e nós tamos atrás de uma terrinha pra montar um ranchinho, viver e plantar em paz.

Durante muito tempo, e aproximadamente até metade do século XX, o Brasil foi considerado um país rural. As atividades desenvolvidas no campo eram de grande importância. O campo era o lugar onde a maioria das pessoas moravam, trabalhavam e se sustentavam, alguns moravam em grandes fazendas e outros em pequenos sítios. Com o passar do tempo, com a evolução tecnológica e com o crescimento das indústrias, tais mudanças, de certa forma, trouxeram as pessoas para os ambientes urbanos. Pois o ser humano sempre está buscando o melhor para si, e neste momento histórico as cidades eram apontadas como lugar para prosperidade, que traziam novos padrões de vida. O campo ainda é considerado muito importante atualmente, mas na perspectiva do agronegócio. Magalhães [et al.] (2005) em seus estudos mostram, através do seguinte gráfico, a evolução da população urbana e rural entre os anos de 1950 e 2000 segundo os dados do IBGE:



O desenvolvimento tecnológico e a industrialização foram fatores que contribuíram para o êxodo rural. A expulsão dos trabalhadores do campo decorrente do avanço do capitalismo fez com que a alternativa fosse conseguir trabalho nas indústrias. Há também a questão das dificuldades do trabalho no campo, enfrentadas por trabalhadores que não dispõem de toda a tecnologia oferecida no mercado. Para produzir, é necessário que muitas das atividades sejam feitas manualmente, como capinar a roça, a colheita da lavoura etc. Ao encontro disso, na mídia a cidade apresenta oportunidades de trabalho em que se exige menos esforço físico, fazendo com que os pequenos agricultores migrem para as cidades, buscando melhores condições de vida, mais dinheiro, mais saúde e condições de educar os filhos. É comum encontrar pessoas que migram das regiões norte e nordeste, principalmente para a região sudeste. A mídia apresenta os grandes centros urbanos desta região como ideais. Neste sentido Bezerra (2002) nos diz:

Não ter trabalho no norte e haver o vislumbre de encontrá-lo no sul ou sudeste, fez e ainda faz com que muitas famílias se “exilem” de sua terra natal à procura deste meio, único meio de sobrevivência de quem só tem os braços para o trabalho... Eles também existem porque existe carência de mão-de-obra em um lugar e excesso de pobreza no outro. (BEZERRA, 2002, p.19).

O Brasil é um país que concentra grandes riquezas nas mãos de poucas pessoas e que possui índices alarmantes de pobreza e má distribuição de renda. Na atualidade o campo está sendo uma das alternativas a quem se encontra em péssimas condições nas cidades, e que resolve lutar pela reforma agrária. No campo, estas pessoas, minimamente, produzirão para o próprio sustento. Indo de encontro a isso, alguns intelectuais

Acham que o país poderá crescer e redistribuir renda e riqueza sem optar pela promoção da agricultura familiar. Dizem que a reforma não é necessária, ou, no máximo, admitem que ela talvez seja desejável para o nordeste. Mas lidam com palpites, não com o fato. (VEIGA, 1992, p. 300).

A partir disso devemos nos perguntar: a Reforma Agrária é mesmo necessária? A partir da situação que o país se encontra atualmente, considerando a ideia de que todos têm o direito de viver em condições dignas, a reforma agrária é tão necessária quanto o desenvolvimento industrial do país, nem mais nem menos. Grande contribuição para construção da imagem do trabalhador rural e dos movimentos sociais ligados ao campo é criada pela mídia, que, como já foi visto, determina quem é o “mocinho” e o “vilão” da história. Neste contexto podemos entender melhor o que a imagem midiática produz quando entra em ação, referindo-se aos sem terra;

Foram muitas vezes chamados de “forasteiros”. Exatamente aquilo que Barrington Moore considera “uma das formas de miséria humana menos politicamente eficazes; bem como possivelmente uma das mais dolorosas”. (VEIGA, 1992, p.304)

Neste sentido, Whitaker (2009), em seus estudos, mostra o quanto a mídia contribuiu para depreciar a imagem do campo e de seu habitante. Para contrapor esta imagem a autora traz dados do Censo Agropecuário do IBGE, que confirma a relevância da pequena propriedade e sua importância na produção de alimentos. Mais uma vez, a mídia, a favor do agronegócio e atuando em detrimento do camponês, traz outro estereótipo sobre o campo, como a autora nos escreve:

Mas a força do latifúndio não pode ser menosprezada e então, com incrível rapidez foi encomendada uma “pesquisa” para negar os dados do IBGE e a mídia, subserviente ao poder, deu voz aos representantes do latifúndio, que saíram a campo chamando os assentamentos de Reforma Agrária de Favelas Rurais. (WHITAKER, 2009, p. 35).

Como vimos acima pelas palavras da autora, existem inúmeros estereótipos para o campo, que têm como objetivo, muito evidente em alguns casos, construir uma imagem negativa do campo, principalmente quando este local é palco de luta pela Reforma Agrária.

A mídia tem sua contribuição, vai agindo através da ideologia que cria estereótipos, muitas vezes engraçados ou pejorativos, como a referência utilizada anteriormente, que define os assentamentos como “Favelas Rurais”. Este estereótipo pejorativo do campo não é por acaso: trata-se de uma ideologia de dominação encomendada e utilizada como uma das formas de expulsar o homem trabalhador do campo e utilizar o seu espaço em favor do agronegócio, como nos afirma Whitaker: “Mas preconceitos não acontecem por acaso. Eles brotam da dominação e compõem cirandas perversas no gigantesco caleidoscópio das ideologias, com suas descontinuidades ilusionismos e inversões” (2009, p. 35).

Este instrumento de poder midiático, quando propaga a visão distorcida do campo, não mostra as perversidades causadas pelo agronegócio, que devasta a natureza para obter lucros e acúmulo de capital. Whitaker nos ilustra esta questão com as seguintes palavras: “Estamos falando de um rural comprometido com a terra enquanto mãe-natureza – aquela que nos mata a fome com seus generosos frutos. Não estamos falando de ações que esgotam a terra e extraem dela mais do que poderia ou deveria produzir” (2009, p. 37).

Neste sentido, Bogo (2008) em “Identidade e Luta de Classes” apresenta uma visão de campo que reforçam as definições de Whitaker, que vê o campo como lugar de moradia, forma de produção do próprio sustento e também como o campo do latifúndio, aquele que busca apenas o lucro (visto que estamos em uma sociedade capitalista, que aponta o espaço urbano como ideal).

Por sua vez o campo, esse território não urbano, segue lógicas diferentes das cidades. No meio urbano, a intervenção do capital estrutura, materializa planos rapidamente, edifica projetos visíveis e os nomeia de progresso. No campo o avanço dos instrumentos capitalistas dissolve, desestrutura, extermina o já feito e praticado por séculos e milênios. (BOGO, 2008. p.96).

Bogo (2008, p. 93) traz dados importantes sobre o campo. Diferenciando a população rural e urbana, escreve que em 1940 havia, na agricultura, cerca de 74% da população e em 2000, cerca de 18%; dados estes que nos ajudam a compreender como o campo foi e continua sendo esvaziado de gente dando lugar a grandes propriedades de monocultura extensiva. Como parte deste processo de esvaziamento, a mídia de uma maneira geral, tem contribuído com a difusão da imagem negativa do campo, um dos alvos dos veículos de comunicação, que, talvez de forma intencional, tenham ajudado a criar um estigma e a desfavorecer a imagem do ambiente rural, o que pode ter contribuído para justificar a saída dos sujeitos do campo e a buscar a cidade como possibilidade de vida.

Outro elemento importante que se cria em detrimento do campo é a imagem inferior da pessoa que habita este espaço; como escreve o autor,

Tudo passa a ser visto a partir de um padrão estabelecido por interesses externos, como se fosse juízo correto. Quem está como ele tem estilo, por isso pode questionar os outros e não aceitar ser questionado, como aquela conhecida expressão de prepotência: 'aqui quem faz as perguntas sou eu'. (BOGO, 2008, p.103).

Esta visão distorcida não tem origem na mídia, a própria ciência contribui para isso, sendo um dos fundamentos utilizados para tal propagação. Permanecer no campo atualmente é o mesmo que travar uma luta contra o preconceito, que vem de diversos meios de informações. Whitaker faz uma indagação do olhar sobre o campo: Como tem sido olhado pela ciência em geral e por muitos ambientalistas em particular esse outro, habitante da zona rural, no caso brasileiro? (2002, p. 22).

A partir desta questão a autora mostra vários olhares preconceituosos que são construídos e propagados, e vários destes estão presentes no filme Tapete Vermelho: a visão do camponês como o sujeito que não tem domínio do conhecimento científico, como alguém sem perspectiva; e um último ponto que a autora traz, reescrevo na íntegra a seguir: (...) além de tudo é exótico, no pior sentido que se possa dar este conceito. Ele insiste em ser rural, ou que permanecer na selva, gosta da vida nas aldeias. Assim vive em ambientes limitados, que o atrapalha em seu raciocínio. (WHITAKER, 2002, p. 25)

Portanto podemos ressaltar que a ideologia presente no cotidiano negativa a imagem do campo, fazendo com que quem é camponês não queira mais ser. O que isso desencadeia é a venda da pequena propriedade que geralmente acaba fazendo parte do acúmulo territorial do agronegócio.

Neste sentido Whitaker nos afirma:

Tais preconceitos derivam da dominação do rural pelo urbano, a partir da emergência do capitalismo enquanto sistema econômico que privilegia a industrialização, engendrando uma ideologia urbano-industrial, na qual se cria a figura do outro – aquele que impediria o avanço do industrialismo e como tal representaria o atraso. Sob esta ótica passam a categoria de outro todas as populações ditas tradicionais, o que

vale dizer todas as comunidades (camponeses, índios, silvícolas, etc.) exploradas pelo sistema econômico, com suas perversas articulações. (2002, p. 20).

No campo da linguagem, Bakhtin diz que “a ideologia do cotidiano” que se exprime na vida corrente, é o cadinho onde se forma e se renovam as ideologias constituídas (1997, p.16). E os contatos e embates se dão nos acontecimentos diários, nas lutas travadas cotidianamente, nas falas, nos acontecimentos. São essas relações que apresentam significados que vão constituindo os modos de viver e de pensar.

Considerações Finais

Nos mais diversos programas, comerciais, novelas, jornais e revistas estão presentes ideologias. Atualmente, estas são as formas encontradas para educar as pessoas, mas uma educação que tem interesses burgueses próprios, favorecendo alguns e desfavorecendo muitos.

Diante disso podemos concluir, de forma geral que os conceitos abordados midiaticamente, em sua maioria, geralmente são equivocados. Sendo assim a mídia é uma arma muito poderosa carregada de ideologias prontas a serem disparadas, que, aliada ao capitalismo fundamenta-se em injustiças sociais. Neste sentido, a mídia, é também um veículo educativo, e ao invés de cumprir seu papel de divulgar conhecimentos para despertar a capacidade crítica do sujeito, acaba atuando de modo a adestrar o mesmo, transformando-o em reproduzidor de discurso.

Podemos notar a influência na mídia no cotidiano através de lançamentos de “tendências”, sejam relacionadas à moda, cores etc. Sendo assim, é comum a adesão a tendências culturais divulgadas pela mídia, como as que desvalorizam minorias: o pequeno camponês, negros, índios, idosos, entre outros.

A ideia que se cria de atraso do campo carrega em si ideologias do sistema econômico, ligadas ao privilégio de indústrias e latifúndios que são concentradas nas mãos de uma oligarquia, que busca aumentar ainda mais suas extensões territoriais. Porém, para que esta elite econômica continue neste domínio é preciso que tenha quem se subordine a ela. Desta forma vem se criando pelos diversos meios de comunicação a ideia de campo como sinônimo de atraso, e aos poucos esta ideologia vai sendo incutida também, nos camponeses. A ideia que se cria do urbano é o oposto: o urbano é associado a modernização. Com isso, tal elite tem suas necessidades contempladas, por exemplo, a necessidade de mão de obra para se manter nesta condição, pois o camponês migra para a cidade e seu local de trabalho muito provavelmente será uma indústria ou comércio.

A escola tem por função desenvolver no aluno a capacidade de pensar com autonomia e tomar decisões, formando assim sujeitos que tenham compreensão crítica da realidade. Em geral os meios de comunicação são carregados de ideologias e estas geralmente apresentam seus discursos em favor de determinados grupos se opondo a outros. Neste sentido é importante que a escola ensine seus alunos a lerem os meios de comunicação da mesma forma. Estes estão presentes no dia-a-dia sendo um meio de formação e de educação constante. Os meios de audiovisual têm a capacidade de despertar a impressão de realidade do que está sendo visto, mesmo se tratando de ficção. Neste sentido é importante se pensar de que forma os conteúdos didáticos serão abordados e relacionados com os meios de comunicação. Devemos sempre perguntar se as produções de audiovisuais realmente correspondem com a realidade, já que temos a impressão de realidade.

Considerando que estamos em uma sociedade audiovisual, é extremamente importante que tenhamos o domínio desta linguagem para que assim possamos transitar em diferentes campos sociais. A imagem em movimento pode mostrar uma realidade distorcida. Da mesma forma que a escola ensina

gramática, literatura, matemática entre as mais diversas disciplinas também se torna importante ensinar a leitura de imagens e filmes.

Sendo assim, a prática de assistir a filmes, avaliando-os criticamente, contribuirá para uma formação plena dos nossos alunos, já que vivemos em uma sociedade onde os meios de comunicação estão presentes por toda parte e o cinema, muitas vezes, pode ser uma boa fonte de conhecimento sobre diversos assuntos.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BEZERRA, Maria Cristina dos Santos. **De colonos a proprietários: A Saga da Formação do Bairro dos Pires**. Dissertação de mestrado. Sociedade Pró-memória de Limeira. Limeira, 2002.

BOGO, Ademar. **Identidade e Luta de Classes**. São Paulo: Expressão Popular. 2008

BOSI, E. O que é desenraizamento? **Revista de Cultura Vozes**. (Petrópolis) Ano 77, Vol. LXXVII, N° 6. 1983

MAGALHÃES, Claudia; SOURIENT, Lilian; GONÇALVES, Marcos; RUDEK, Roseni. **Passaporte para Geografia**. Vol. 2. São Paulo: Editora do Brasil, 2005.

VEIGA, José Eli da. Reforma Agrária Hoje. **Revista Reforma Agrária**, edição especial dos 25 anos da ABRA, Setembro, 1992, Campinas – SP.

WHITAKER, D. C. A. **Sociologia Rural: Questões Metodológicas Emergentes**. Presidente Venceslau, São Paulo: Letras à Margem, 2002.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. Reforma Agrária e Meio Ambiente: Superando Preconceitos Contra o Rural. In: FERRANTE, V. L. B. e WHITAKER, D. C. A. (Orgs.) **Retratos de Assentamentos**. Araraquara, SP: Uniara. N° 12, 2009